

## **A INVISIBILIDADE DAS MULHERES NEGRAS NA LITERATURA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DO CONTO *A ESCRAVA*, DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

**Abdulai Danfá<sup>1</sup>, Nuna Nunes Correia<sup>2</sup>, Satumata M. Sambu Sanhá<sup>3</sup>, Carlos Eduardo Bezerra<sup>4</sup>**

**Resumo:** Historicamente, a mulher é vista sempre como inferior ao homem tanto em termos físicos quanto psicológicos ou intelectuais, fato que ainda hoje se repete em muitas sociedades do mundo. Nesse sentido, ela, principalmente a mulher negra, é marginalizada, violada, invisibilizada, ou seja, colocada numa posição de apagamento de seus valores e direitos em muitas sociedades. Este trabalho resulta de uma oficina do Subprojeto PIBID-Letras aplicada aos alunos de 3º ano da Escola Pública e Estadual do Ensino Médio Maria do Carmo Bezerra, situada no município de Acarape, tendo como objetivo tratar sobre a invisibilidade das mulheres negras a partir da leitura do conto *A escrava*, da escritora brasileira/afro-brasileira Maria Firmina dos Reis. Realizamos o estudo bibliográfico com destaque na leitura de Munanga (2003), Nogueira (1999) e Crenshaw (1989), procurando abordar as questões de raça, racismo, gênero, idealização do corpo da mulher negra, que perpassam o conto. Durante a aplicação dessa oficina, estabelecemos um diálogo em sala de aula com os alunos através da leitura e interpretação do referido conto, da qual percebemos a utilização por parte deles de diferentes níveis de leitura, principalmente, inferencial e crítico, ou seja, não ficaram presos à superfície textual, mas conseguiram, de certo modo, a partir de pistas do texto, interpretar a questão de escravidão, subjugação e invisibilização da mulher fazendo uma relação com a sociedade brasileira; assim, os alunos e as alunas posicionaram-se contra estas práticas. Dessa forma, contribuimos para desconstrução de certos preconceitos quanto à “posição da mulher” na sociedade, através de abertura de espaço para reflexão e debate em sala de aula.

**Palavras-chave:** Maria Firmina dos Reis. Mulher negra. A escrava.

### **INTRODUÇÃO**

O conto *A escrava*, de Maria Firmina dos Reis, foi publicado na *Revista maranhense*, número três, no ano de 1887, no auge da campanha abolicionista. Nesse conto, narra-se a questão da escravidão. Uma senhora abolicionista, cujo nome não foi mencionado, conta a história da escravizada Joana (de mãe negra e pai índio), mãe de

---

<sup>1</sup> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: [abdulaidanfa@gmail.com](mailto:abdulaidanfa@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: [nunanunescorreia@gmail.com](mailto:nunanunescorreia@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: [sanhasatumata@gmail.com](mailto:sanhasatumata@gmail.com)

<sup>4</sup> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, Coordenador de área do PIBID, e-mail: [cadubezerra@unilab.edu.br](mailto:cadubezerra@unilab.edu.br)

Gabriel, Carlos e Urbano “em um salão onde se achavam reunida pessoas distintas, e bem colocadas na sociedade” (REIS, *Apud* CONTOS DO MAR SEM FIM, 2010, p. 111). Os dois filhos dela (os já citados Carlos e Urbano) foram vendidos ainda menores para Rio de Janeiro, fato que levou a mãe a enlouquecer. Tal como a mãe dela, ela passou também a ser escravizada cruelmente pelo senhor Tavares juntamente com o seu filho Gabriel, após os pais terem pedido sua libertação ou alforria. Nogueira observa que, no período colonial, as mulheres negras eram tratadas como mercadorias, vistas “como máquinas reprodutoras. Seus filhos não lhes pertenciam, quase sempre eram vendidos, o que era determinado pelo interesse do senhor”. (1999, p. 44)

Esta autora fez uma abordagem histórica quanto à situação da mulher na sociedade a partir da “categoria negro”, observando que o corpo é socialmente concebido funcionando “como marca dos valores sociais e nele a sociedade fixa seus sentidos e valores”. Assim, segundo ela, “socialmente o corpo é um signo”. A autora retoma ainda Rodrigues (1983), o qual observa que “a utilidade do corpo como sistema de expressão não tem limites” (NOGUEIRA, 1999, p. 41).

Isso reforça o que podemos entender do retrato do conto de que as mulheres negras eram marginalizadas, tratadas como objetos para a satisfação dos desejos sexuais dos “senhores”, sendo dadas a elas “funções naturais”, ou seja, servindo como “máquinas reprodutoras” entre outras. A representação do corpo negro é feita através de aspectos físicos, por meio dos quais pessoas da mesma cor da pele são consideradas capazes ou não de fazer algo de bom ou não; assim, distanciando ou aproximando-as de “homens de qualidade” por possuírem cor da pele diferente.

Na leitura do texto, percebe-se nitidamente a questão de opressão, coisificação, escravização de negros por pessoas que se acham “seus senhores ou donos” colocando em cena brancos e negros, em que, conforme conhecemos historicamente, os brancos sempre se colocam como superiores, detentores de cultura e de civilização. Nesse sentido, os povos que têm culturas diferentes das dos “senhores” são considerados como não civilizados. No caso específico, os negros eram os que mais sofreram por isso durante o período colonial, sendo transplantados cruelmente de suas terras para

territórios distantes, servindo de objetos de escravização e exploração física e psicológica.

Este trabalho foi resultado de uma aplicação da oficina na Escola Pública do Ensino Médio de Estado do Ceará, Brasil, Maria do Carmo Bezerra, localizada no município de Acarape, e a oficina foi realizada no quadro da atividade do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência (PIBID), o qual busca valorizar a formação de professores através da articulação entre a teoria e a prática, proporcionando aos alunos selecionados a possibilidade de atuação nas escolas públicas do Ensino Médio incentivando os estudantes a se inserirem no contexto das escolas públicas durante a formação acadêmica.

## **METODOLOGIA**

Para a aplicação da oficina, utilizamos slides, contendo breve biografia da autora Maria Firmina dos Reis e seus livros publicados. Além disso, distribuimos textos impressos aos alunos, como forma de eles os lerem para posteriormente procurarmos fazer uma interpretação. Assim, o texto foi o nosso ponto de partida para a interpretação do conto, entretanto, não desconsideramos o conhecimento do mundo dos alunos, pois a nossa leitura retoma outras leituras ou nossas vivências diárias, nesse sentido, ela precisa ser contextualizada.

“É preciso que se pense no processo de leitura, a relação entre autor, obra e leitor de modo que esses se permeiem, se completem; de forma que os eventos narrados, ficcionais ou não, estabeleçam sentidos para o leitor” (POLO, 2015, p. 9). Assim, estabelecemos uma interação com os alunos através de imagens e textos em slide procurando apresentar e falar da autora. Após a leitura do conto, fizemos questionamentos a eles quanto ao que perceberam do conto.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o diálogo estabelecido em sala de aula, através da leitura e interpretação do referido conto, percebemos a utilização de diferentes níveis de leitura por parte dos alunos, principalmente, inferencial e crítico, ou seja, eles não ficaram presos à superfície textual; mas conseguiram, de certo modo, a partir de pistas do texto, interpretar a questão da escravidão, subjugação e invisibilização da mulher fazendo uma relação com a sociedade brasileira. Assim, os alunos e as alunas posicionaram-se contra estas práticas.

Na perspectiva interseccional de Crenshaw (1989, p. 10), que trata da discriminação racial/social e de gênero, podemos observar a questão da sobreposição sexual. Essa autora explica que “nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos”. Ela faz uma ilustração da sobreposição social-étnica, em que observa que, ao serem sobrepostos “o grupo das mulheres com o das pessoas negras, o das pessoas pobres e também o das mulheres que sofrem discriminação por conta da sua idade ou por serem portadoras de alguma deficiência”, nota-se que as mulheres que geralmente são “excluídas das práticas de direitos” sociais ou “humanas” são as mulheres negras. Nogueira acrescenta que, pela herança histórica, a “‘inferioridade nata’, relativa à diferença sexual, acaba por se sobrepor, se somar a uma inferioridade relativa à [...] necessidade de” a mulher negra, particularmente, “se convencer do seu direito de ser vista como um ser humano, com todas as prerrogativas e direitos que lhe concerne estar nessa categoria” (NOGUEIRA, 1999, p. 45).

Essa ideologia é naturalizada pelas pessoas levando a um julgamento da mulher, principalmente a negra, como a menos preparada para certas atividades sociais, como, por exemplo, trabalhar intelectualmente.

## CONCLUSÕES

Baseando nos teóricos acima citados, concluimos que, ao longo do tempo, a mulher, principalmente a mulher negra, tem sido marginalizada por causa da sua cor da

pele estereotipada durante a história de colonização ou escravatura, período em que ela foi vista como uma “coisa” ou objeto sexual ou de exploração dos ditos “senhores”.

O conto *A escrava*, de Maria Firmina dos Reis, representa esta questão; e os alunos, a partir da leitura desse texto, posicionaram-se contra estas práticas, apresentando diferentes níveis de leitura, principalmente, inferencial e crítico, ou seja, não ficaram presos à superfície textual, mas conseguiram de certo modo fazer a interpretação textual a partir de pistas do texto.

### **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos ao PIBID por nos proporcionar a oportunidade de vivenciar a realidade de salas de aula de escolas públicas do Maciço de Baturité, articulando, assim, a teoria e prática. Também agradecemos à nossa supervisora, Andrea Lucas Oliveira, pelo acompanhamento nos trabalhos desenvolvidos em salas de aula.

### **REFERÊNCIAS**

CRENSHAW, Kimberle. **A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero**. Cruzamento: raça e gênero, 1989.

NOGUEIRA, Isildinha B. **O corpo da mulher negra**. Pulsional Revista de Psicanálise, ano XIII, no 135, 40-45, São Paulo, 1999.

REIS, Maria Firmina dos. *A escrava*. In. **Contos do mar sem fim: antologia afro-brasileira**. Organização: Pallas Editora- Rio de Janeiro, Pallas; Guiné-Bissau: Ku si Mon; Angola: Chá de Caxinde, 2010.

POLO, Nanci de Fátima. **O EMBONDEIRO QUE SONHAVA PÁSSAROS: ESTRATÉGIAS SÍGNICAS PARA O ENSINO DA LEITURA**. Programa de Desenvolvimento Educacional PDE 2013 – 2014, Guarapuava, 2015.